



Projeto final para obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura

Ângela Agostinho Monteiro

Orientadores:

Prof. Arq.º Paulo David
Prof. Doutora Arq.ª Daniela Arnaut

Júri:

Prof. Doutora Arq.ª Teresa Heitor (Presidente)
Prof. Arq.º Paulo David (Orientador)
Prof. Arq.º João Favila Menezes (Vogal)

Instituto Superior Técnico
2022

uma estadia no jardim

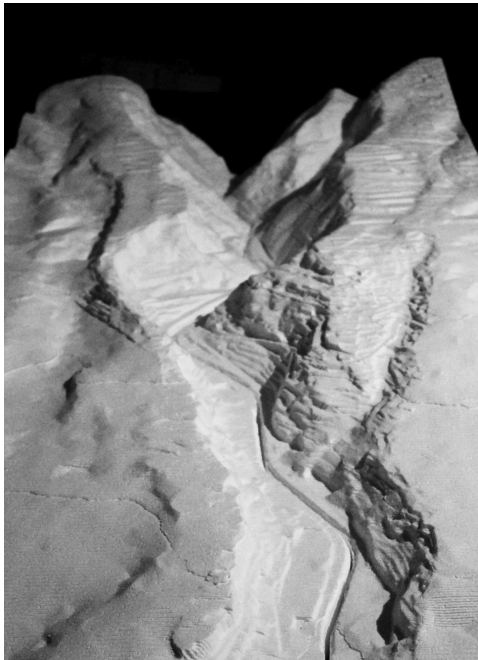
Ribeira João Gomes
Funchal, Madeira



Ribeira João Gomes, Funchal, Madeira. Um corredor ecológico conformado por íngremes escarpas basálticas. No festo, um jardim perpetua a memória de uma identidade que se tem esfumado no tempo: o Jardim Botânico do Funchal vislumbra a ribeira até ao Atlântico, beneficiando do seu caráter altaneiro, conforme dita a história das quintas madeirenses.

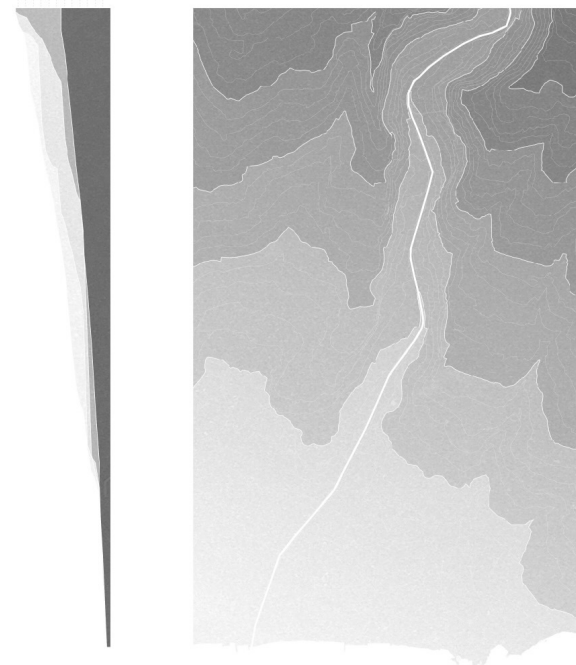
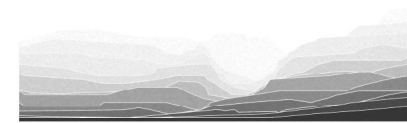


Ortofotomapa



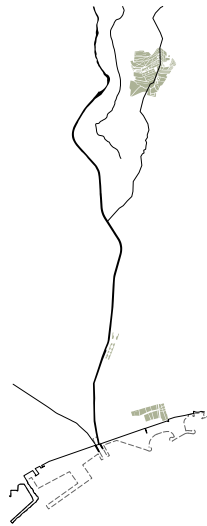
Modelo territorial do vale

O clima, a topografia e a hidrografia deste lugar são fortemente afetados pelo caráter insular da região. O vale é formado por cortinas basálticas, alcançando os trezentos metros de altitude no lugar-investigação.



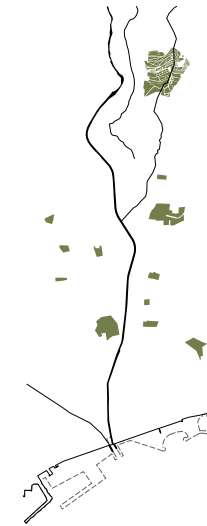
'TAC' da Ribeira

São lidas três linhas de entendimento da ribeira: a Linha da Ribeira, linha baixa que compreende a rede hidrográfica na cidade; Linha de Edificado, linha intermédia que corresponde à ocupação construída nas margens e encostas; e Linha de Escarpa, linha alta materializada no cume das cortinas escarpadas que formam o vale.



Jardins

A ilha, a par da sua história, ostenta diversos parques e jardins, característica que lhe confere a imagem de Cidade Jardim, traduzindo-se numa extraordinária diversidade botânica.



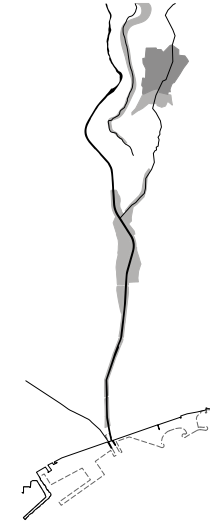
Quintas

A morfologia da paisagem funchalense sobe desde o nível do mar por um conjunto montanhoso, surgindo no anfiteatro do Funchal conjuntos de quintas implantadas nos festos. Estas tipologias de elevado valor cultural contribuíram para a identidade turística insular, pela necessidade de acolher enfermos que se deslocavam em cura de ares durante o período do Turismo Terapêutico.



Áreas verdes

Podem ser lidos diferentes níveis de área verde ao longo da ribeira: a parte superior da sua bacia hidrográfica é afetada pela mancha florestal interior da ilha, e a jusante, num nível urbano, compreende-se um arquipélago de diversos espaços verdes, desde jardins públicos a parques.



Síntese da estratégia

O sucessivo estrangulamento e ocupação impermeabilizante da linha de água e das encostas foi representando um corte na continuidade arbórea deste vale. Implementa-se uma lógica que ela própria contamina o lugar e o vá curando ao longo do tempo, convocando uma nova respiração programática, corporalizada na dualidade de espaço construído e espaço verde. Com um primeiro gesto de reativação de um espaço na sua relação com o coberto vegetal, se encetará o processo de cura por contágio verde.

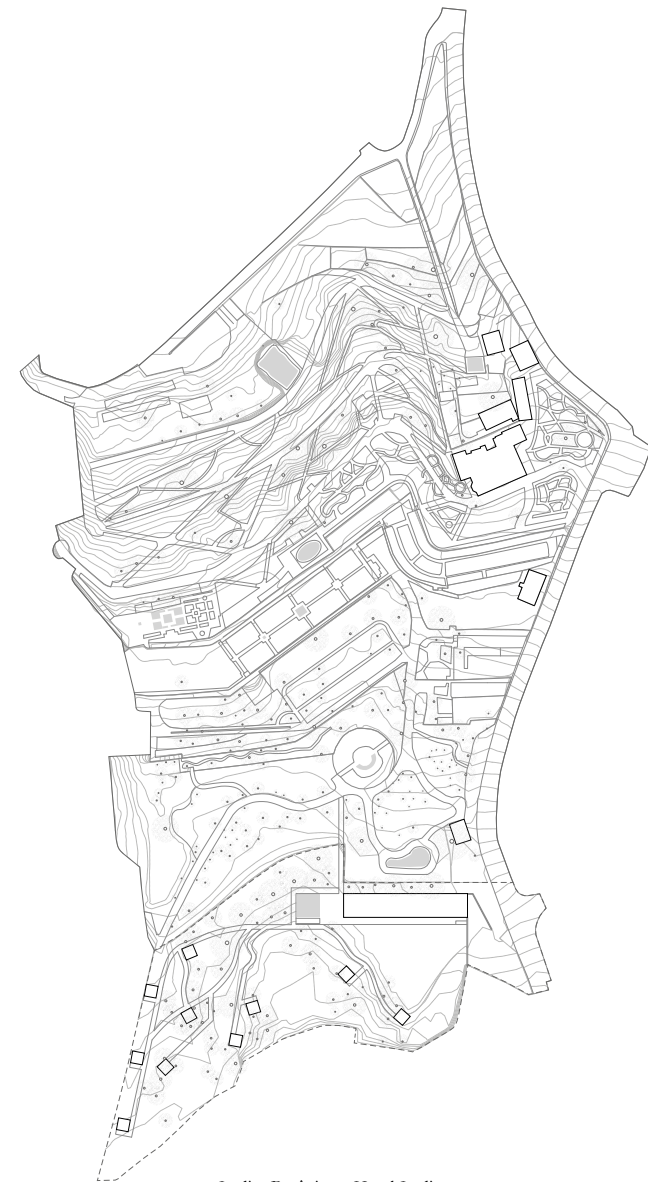
A memória das quintas baseia-se na premissa de que o lugar crie recordações fortes pelos efeitos sentidos no seu habitar, na vivência com o jardim e nas relações perspéticas com o horizonte. Nelas podem ser encontrados espaços de mediação entre o interior e o exterior, que permitiam o desfrute da paisagem, pela sua natureza contemplativa e melancólica do olhar e do seu distanciamento citadino.



Fotografia de levantamento: vista do Jardim Botânico

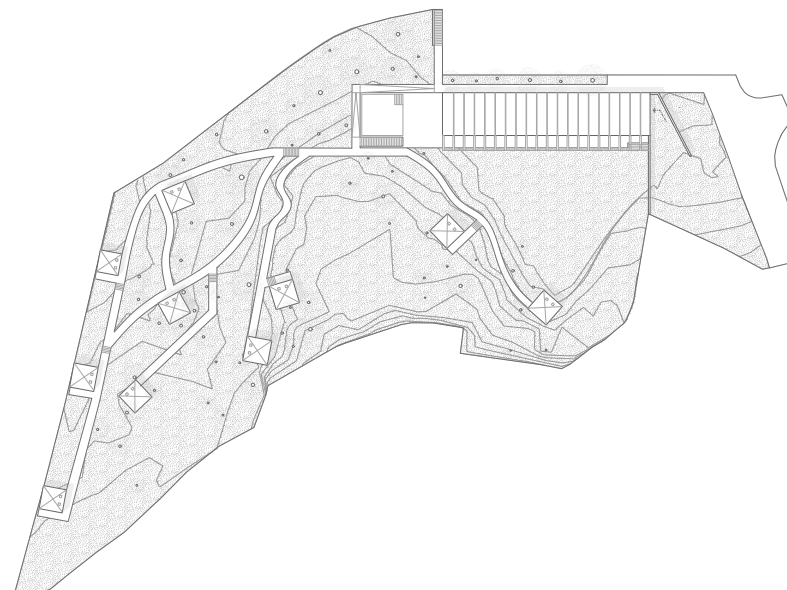


Surge a ideia de um hotel-jardim, dentro deste modelo de corredor verde, como um culminar do entendimento do lugar e da estratégia proposta. Parte do mote de habitar um jardim e serve como ensaio para outros programas que nasçam desta estrutura, ao longo da encosta e pelo vale a jusante. Serve o propósito de reativar uma zona de jardim inutilizada, que funcione como abrigo para o viajante, permitindo dar continuidade à memória das quintas madeirenses - de olhos postos na baía do Funchal, onde se viva a experiência de retiro na natureza levada pelo lazer, possível pelo potencial turístico da ilha e pela beleza inspirada da sua natureza.

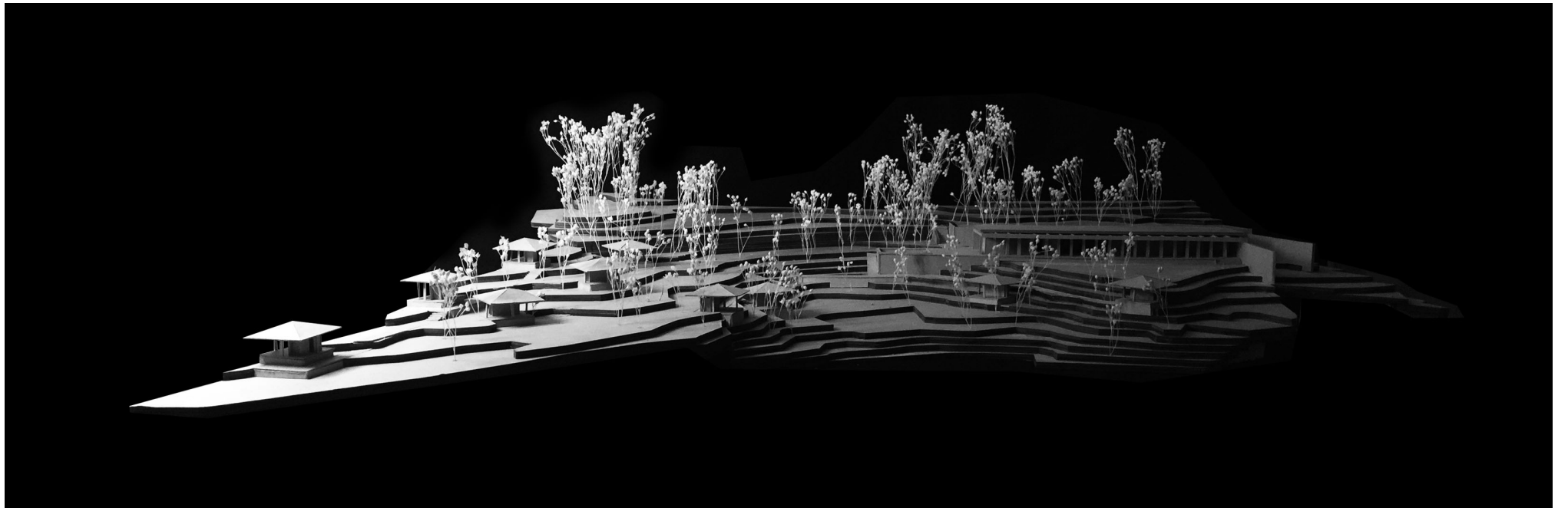


Jardim Botânico e Hotel-Jardim

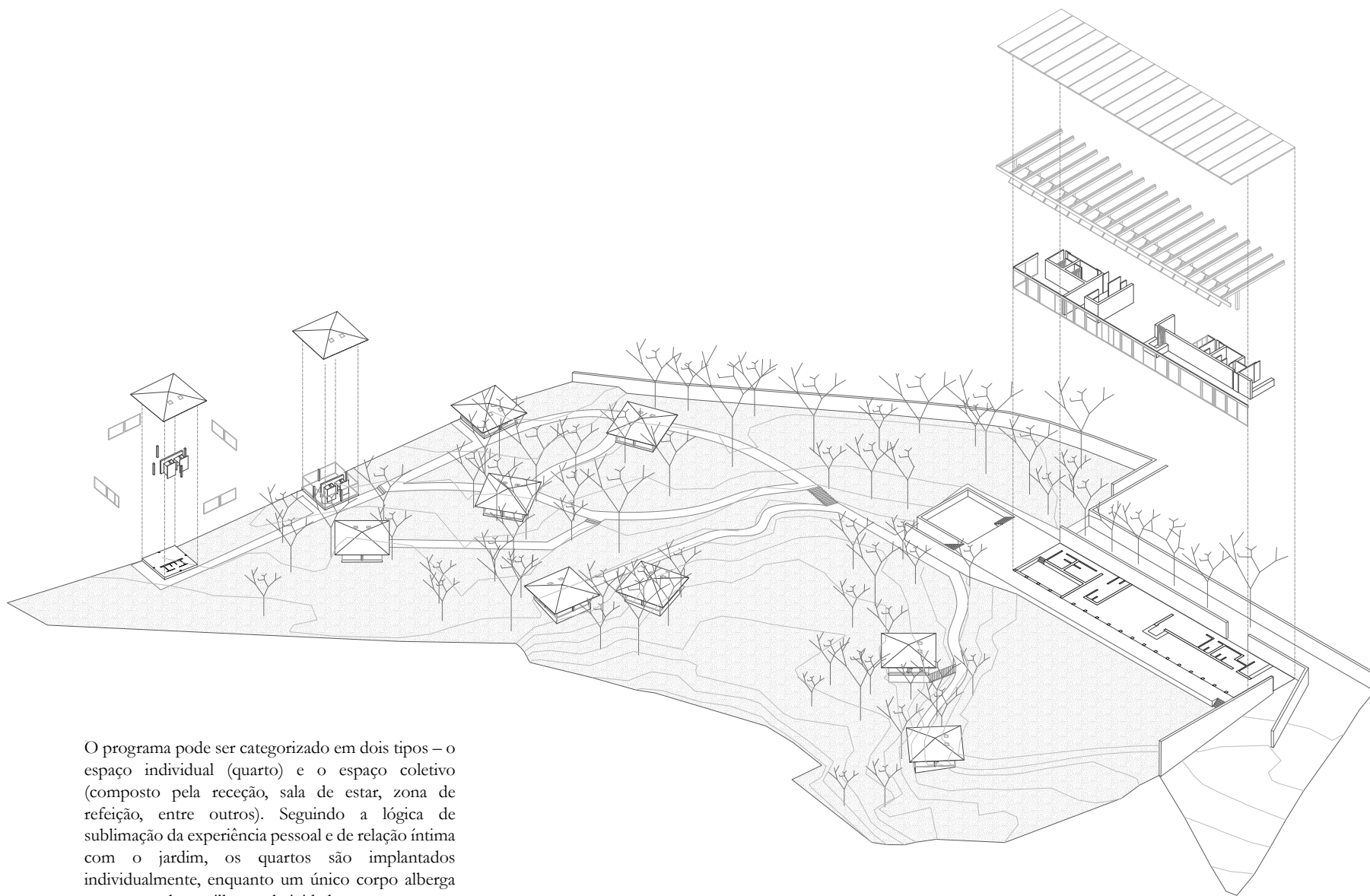
À semelhança das quintas madeirenses, construídas num perímetro de vigia, a implantação segue a lógica do exercício da contemplação, o desejo de ver o mar, ver o horizonte, característica do insular herdada desde os tempos dos ataques corsários e que confere configurações formais verticais por todo o Funchal. No jardim, os caminhos encontram os quartos, que 'nascem' de forma quase natural, respeitando as espécies arbóreas preexistentes. Aplica-se uma lógica que não acidenta o coberto vegetal, de modo a beneficiar a relação pessoal com a paisagem e simultaneamente preservar a privacidade.



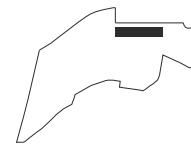
Hotel-Jardim



Modelo do Hotel-Jardim



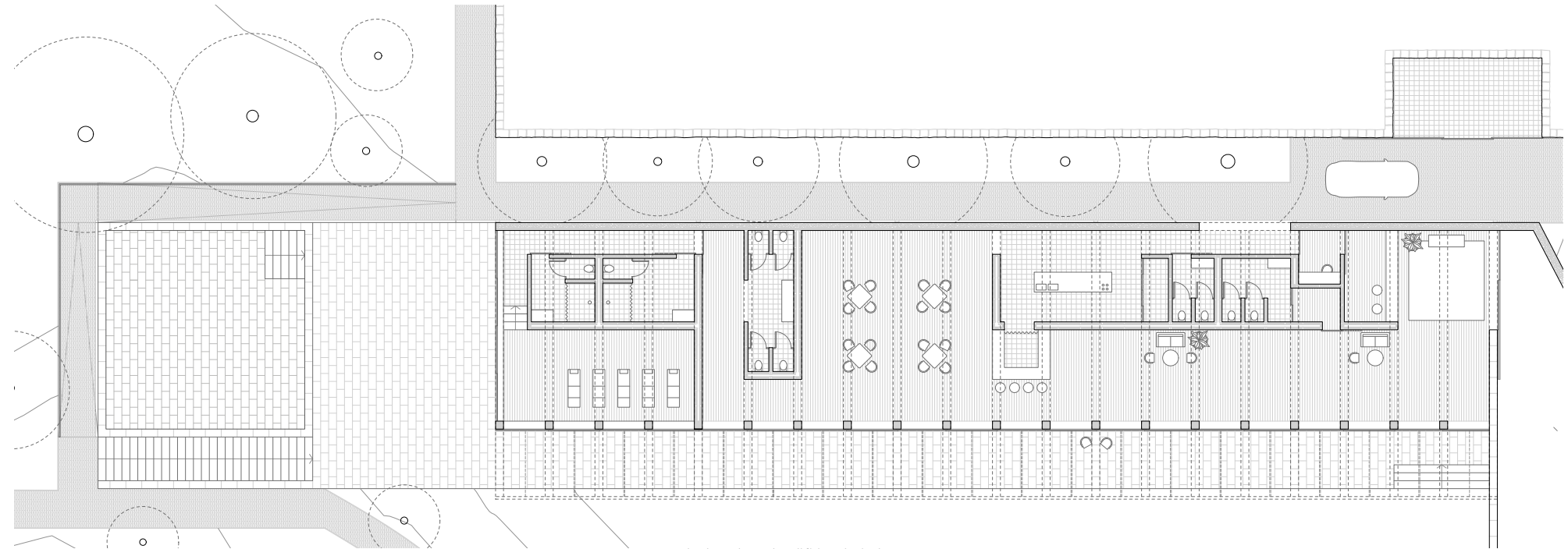
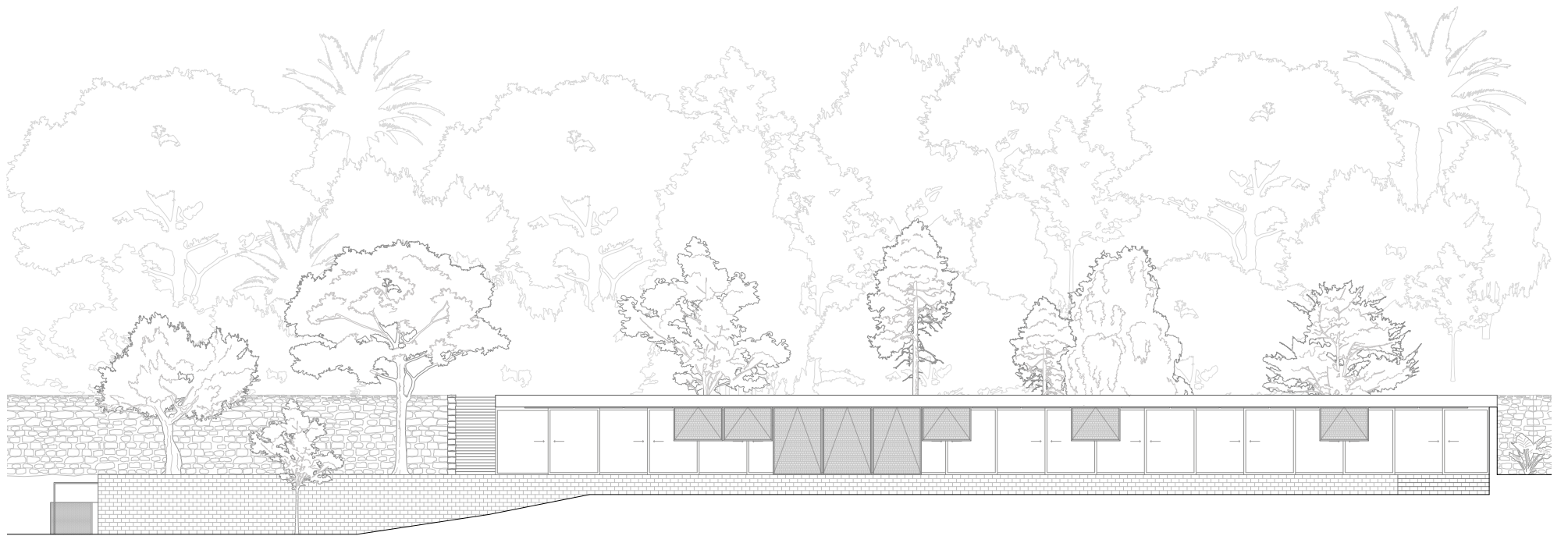
O programa pode ser categorizado em dois tipos – o espaço individual (quarto) e o espaço coletivo (composto pela recepção, sala de estar, zona de refeição, entre outros). Seguindo a lógica de sublimação da experiência pessoal e de relação íntima com o jardim, os quartos são implantados individualmente, enquanto um único corpo alberga os espaços de partilha e coletividade.



O edifício dos espaços comuns, um corpo uno e horizontal de um piso, assenta numa plataforma elevada sobre o jardim que desvenda um tanque de banhos envolto numa cortina arborizada. A fachada sul é envidraçada, protegida com painéis basculantes de sombreamento e permite o acesso ao terraço, onde se pode disfrutar da vista sobre a baía do Funchal e sobre o oceano Atlântico.



Modelo do edifício principal



Alçado e planta do edifício principal



Sala de refeições

No interior gera-se um ambiente confortável e familiar, proporcionado pelos revestimentos em madeira de carvalho e aplicações em vime madeirense, convocando uma atmosfera de acolhimento do hóspede neste espaço coletivo.

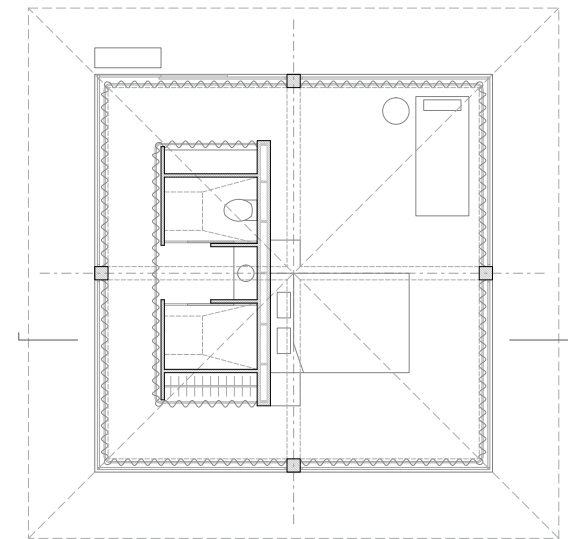
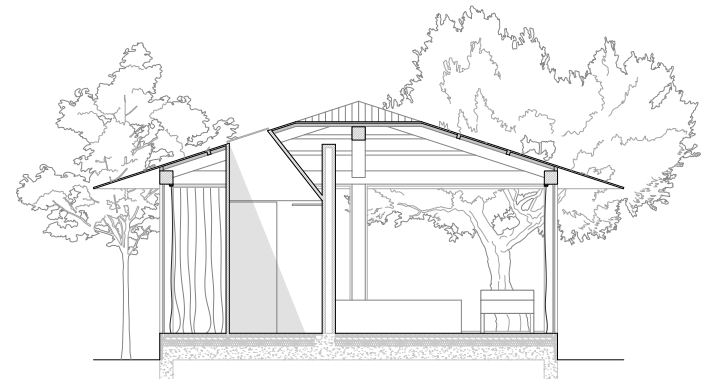


Terraço

Os quebra-sóis em vime transformam tanto o espaço interno como externo, pelo controlo manual da incidência da luz natural, deixando-se atravessar por finos feixes de luz que se projetam no pavimento negro e refletem no vidro da fachada.

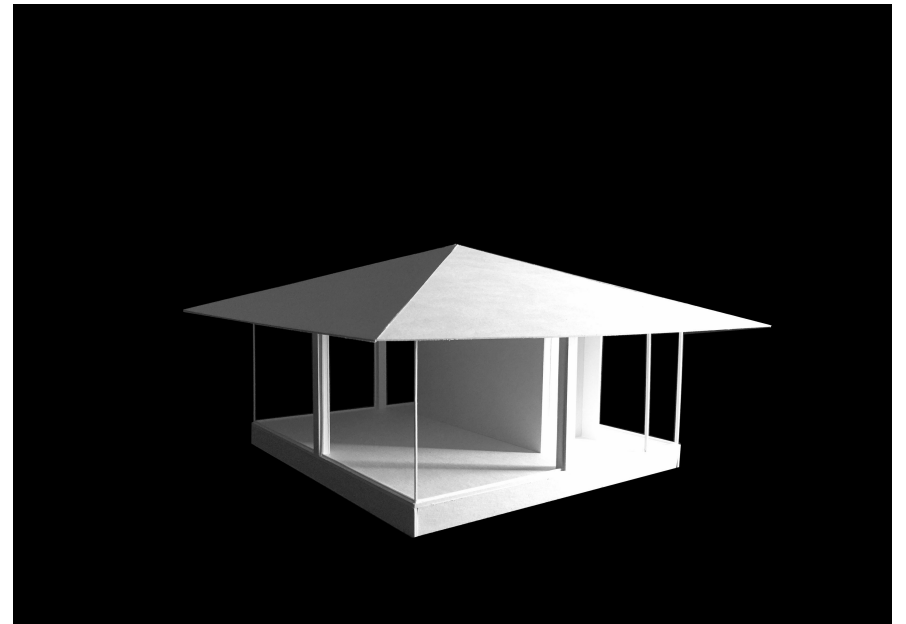


Idealiza-se o quarto como um simples abrigo para dormir protegido dos elementos naturais, surgindo nesta lógica uma potencial forma de habitar o jardim, segundo um princípio de prazer e refúgio individual, sendo a hospitalidade concretizada numa “casinha-de-prazer” pessoal.



Corte e planta do quarto

O abrigo é corporalizado numa cobertura que pode ser lida como complemento da sombra das copas e, da terra, surge um embasamento desenhador do espaço interior. Desta forma, é possível uma proximidade de cada abrigo com as árvores e usufruto da sombra, que surge assim, à memória das quintas, fortemente marcada pelos jogos de luz e sombra que fixam o desenho.



Modelo do quarto

À volta, o limite do quarto é definido pelo hóspede, controlando a sua abertura/clusura através de um sistema de cortinas, de modo a gerir a sua intimidade, podendo estar em plena união com o exterior ou fechar-se no seu refúgio individual, incitando à descoberta dos valores sensoriais de um abrigo no lugar, onde a estadia promova todas as suas valias e singularidades.



Interior do quarto

